Reflexão

2015, UMA AVENTURA COMPLEXA



Luiz Carlos Corrêa Carvalho*

"NÃO PODEMOS ter aventura na política econômica". Trazer a frase dita por Marina Silva para este texto, sem citar os finalistas do 2º turno eleitoral, é uma forma de distanciar-nos do embate partidário dos últimos vinte anos.

Nos últimos quatro anos, o agronegócio sofreu as pressões de políticas contrárias ao crescimento: inseguranças jurídicas referentes à instabilidade política dos questionamentos sobre terras, setores enfrentando quebras dos compromissos feitos pelo governo federal, como o sucroenergético e o de logística e infraestrutura, com ações lentas e idas e voltas conceituais.

Enquanto as mazelas ficavam em território nacional, os debates perdiam-se nos descaminhos das defesas descompromissadas. No entanto, perto das eleições, a revista econômica The Economist citou o fato de o Brasil estar pior do que os seus vizinhos latino-americanos; relatou, em detalhes, a intromissão constante do governo brasileiro nas políticas macroeconômicas e sua interferência no setor privado. Ressaltou, por fim, que o Brasil precisa de crescimento e de um Governo melhor.

Terminada a eleição, ficou o panorama dos cenários debatidos entre a manutenção dos descaminhos econômicos (situação) e a volta aos pressupostos macroeconômicos (oposição). O Brasil, em nossa constatação, não aguentaria tamanha incerteza. A ansiedade de uma ação dos vencedores "dobrando a aposta" de sua nova matriz econômica era terrível. E a maioria pensava assim.

O anúncio da equipe econômica do novo governo veio alvissareira. Rompe com a política econômica do 1º governo de Dilma Rousseff e dá esperanças. Seria, afinal, uma "afirmação do compromisso do novo governo com o desenvolvimento, a estabilidade e a gestão competente da política econômica" (Luiz C. Trabuco, do Bradesco). Novamente, de fora do País vem um ponto de reflexão: "Levy terá autonomia?" (Financial Times).

No agronegócio, as condições também estarão complexas. Há clara redução de orçamentos nas empresas nacionais e multinacionais, com queda dos preços das *commodities* agrícolas no mercado internacional, na nova realidade da correlação de preços entre o petróleo e os alimentos. Isso, a partir de 2007, foi relatado em Congresso da ABAG. Aliás, vale salientar que, com exceção do açúcar (face política intervencionista do governo federal, congelando os preços da gasolina e prejudicando de forma irremediável o etanol), todos os outros produtos sofrem com isso. A queda dos preços do petróleo, em face da redução do crescimento global e de sua demanda, e a expansão extraordinária da oferta norte-americana afligem os analistas das *commodities*, com ênfase no menor crescimento chinês.

As aventuras de 2015 serão, seguramente, muito mais próximas de um comportamento defensivo. Vamos ver juros muito altos, corte nos gastos e foco em trazer a inflação para o centro da meta na política internacional. A luta de recuperação encontrará um mundo estagnado, exceto nos EUA e na China.

O agronegócio continuará segurando as pontas da balança comercial brasileira, com elevado número de empregos diretos e indiretos nas suas longas cadeias produtivas. As limitações da atual política comercial brasileira e as barreiras de logística, armazenagem e portos seguirão atormentando, sempre com os fantasmas dos riscos climáticos e a volatilidade dos preços, sem o suporte do seguro rural.

2015 será um ano de correção de rumos. Um novo baralho de cartas, com novas imagens e regras conhecidas. No jogo buraco, há os que acumulam cartas e os que jogam com a sorte, buscam cartas e batida rápida. Parece que, se for esse o jogo, a equipe econômica escolhida trabalhará acumulando cartas para fazer mais pontos.

Seja qual for a figura, é um jogo de azar, e tudo pode acontecer.

Feliz 2015 a todos! ■

* Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)